

'me atirei no pau do gato'

PRIMEIRO ARTISTA BRASILEIRO A ASSUMIR SUA
HOMOSSEXUALIDADE PUBLICAMENTE, EDY STAR
REVELA UM POUCO DO SEU PASSADO E FALA
SOBRE O PLANO DE ESCREVER UM LIVRO. MUITA
GENTE FAMOSA POR AÍ VAI FICAR TEMEROSA

Texto: Jorge Henrique Cordeiro
Fotos: Arquivo pessoal Edy Star



"Sou gay e assumido, e acabou. Trabalho em boate, levo a sério o que faço, muito a sério, quando entro no palco, quero ser respeitado como artista. Se alguém disser uma gracinha, me chamar de veado, desço e quebro o pau."



Edy Star encenando a peça "Rocky Horror show"

Há menos de um ano, a internet ganhou um blog. Um evento para lá de corriqueiro. Milhares deles surgem na rede todos os dias, mas este não é um diário virtual qualquer. É o diário de uma lenda viva. Batizada de Sweet Edy (<http://staredy.zip.net>), a página traz histórias saborosas da fervilhante vida cultural brasileira das décadas de 1960 e 1970 e revela às novas gerações uma das figuras mais interessantes e provocativas do mundo artístico brasileiro, o baiano Edivaldo Souza – para os iniciados, Edy Star.

Edy Star. Não ligou o nome à pessoa? Nascido em 1938 às margens do rio São Francisco na cidade de Juazeiro, na Bahia, o cantor, produtor, ator e artista plástico Edivaldo Araújo de Souza era figurinha fácil na efervescente Salvador dos anos 60. Conviveu lá com um jovem cantor metido a Elvis dos trópicos, então conhecido como Raulzito. Sim, ele mesmo, Raul Seixas. Quando este foi contratado pela CBS no Rio de Janeiro, levou o amigo e juntos (mais Sérgio Sampaio e Miriam Batucada) gravaram em 1971 uma das obras mais bizarras da música brasileira, o disco "Sociedade da grã-ordem Kavernista apresenta sessão das 10". Raul deixou a CBS e Edy caiu na noite carioca. Literalmente. Passou a fazer shows em boates e puteiros da zona portuária, sendo descoberto pela turma do "Pasquim" numa delas na Praça Mauá. Seu show era um sucesso, aplaudido de pé por inúmeras celebridades – políticos, jornalistas, escritores, empresários, músicos e artistas de TV e cinema, do Brasil e do exterior. Ganhou críticas elogiosas dos principais jornais e revistas da época. Gravou um disco pela Som Livre em 1974, "Sweet Edy", com músicas compostas especialmente para ele por Gilberto Gil, Gonzaguinha, Caetano, Roberto e Erasmos Carlos. Foi o primeiro artista glitter brasileiro. Foi o primeiro artista brasileiro a assumir sua homossexualidade publicamente. Estrelou no papel de Frank Father a primeira montagem da peça "Rocky Horror show" no país, em 1975, produzida pelo recém-falecido Guilherme Araújo, ao lado de Wolf Maia, Zé Rodrix e Lucélia Santos (pré-Escrava Isaura). Boas histórias é que não faltam.

Há tempos que Edy tem planos de escrever uma biografia. Daquelas tradicionais, em papel mesmo, com direito a noite de autógrafos e tudo. Até título já tem: "Me atirei no pau do gato". Mais provocativo, impossível. Morando em Madri desde 1992, Edy acalentou o sonho até que foi apresentado à internet. Foi amor à primeira vista. "Moro sozinho na Espanha e não queria ficar maluco.

Todo mundo sempre me incentivou a escrever um livro, pra contar os casos e tal e eu me animei com essa história de blog, para contar uns casos da minha vida. É um aquecimento para minha biografia", conta Edy, sem esconder um leve sorriso ao lembrar das histórias que ainda não estão no blog. Se vão ser publicadas, só o tempo dirá... "Ah, tem muita coisa que não posso contar, não posso mesmo... Outro dia, estava pensando... as minhas festinhas gays na Bahia, aonde filhos de deputados e de governadores iam se divertir, gente que hoje é deputado, gente que hoje está no poder, não vou poder contar essas coisas... Tem um monte de gente que ainda está viva, gente que conheci

quando era lésbica, quando era bicha, e hoje está casado com filhos, tem muita coisa... é difícil falar dessas coisas. Além do mais, eu vou entrar na intimidade das pessoas que estão na minha vida mas sei que posso atrapalhar a vida delas."

Edy esteve no Brasil no início deste ano para sua já tradicional visita anual à família e amigos, que se repete religiosamente desde que saiu do país em 1992. Desta vez, no entanto, teve que se desdobrar também para atender também aos pedidos de encontros de inúmeros fãs que se multiplicaram desde que começou sua aventura virtual. Depois de seu blog, pipocaram no Orkut inúmeras comunidades dedicadas a ele, vídeos foram postados no YouTube e até

o seu raríssimo disco apareceu no Soulseek. A lenda foi enfim redescoberta. E louvada.

"Hoje, estou mais vivo do que nunca graças ao pessoal do Raul Seixas, aos fãs dele, aos raulistas, como eles se chamam. Essa garotada me descobriu e me trata como uma lenda viva. Eu esculhambo todo mundo, com muito carinho, *claaaro*, mas quero quebrar essa imagem de ídolo. Eu quero amigo, não quero fã, *porra!* Não botem incenso no meu altar, não me acendam velas, *pelamordedeus!*", diz Edy com seu jeito histriônico. "Não é fácil alguém ser uma lenda viva... Ainda mais quando se recusa a ser uma lenda, ainda que viva."

Boa parte desse *auê* todo em

A fórmula kavernista

Quando foi lançado, em 1971, o disco "Sociedade da grã-ordem Kavernista apresenta sessão das 10" passou batido. Ninguém deu a menor trela pra ele. A porra-louquice engendrada por Raul Seixas, Sérgio Sampaio, Miriam Batucada e Edy Star (na época, apenas Edy) nos estúdios da CBS, no Rio de Janeiro, foi esnobada solenemente por críticos e público. Hoje, vale uma fortuna se encontrado na mídia original (o bom e velho LP) e o CD (da Rock Company ou da Sony) é disputado a tapa nas lojas.

Muitas lendas cercam esse disco que traz 11 faixas intercaladas por vinhetas engraçadíssimas. A principal delas diz que Raul, Sérgio, Edy e Miriam gravaram as músicas às escondidas, à noite, sem que ninguém na CBS soubesse, e que por esse motivo Raul Seixas, então um bem-sucedido produtor da gravadora, teria sido demitido. "Isso é uma bobagem", diz Edy, com uma sonora gargalhada. "O diretor-presidente entrou de férias e coincidiu. Ele não sabia mas o pessoal todo do estúdio de gravação estava lá, foi um trabalho profissional, não foi feito nas coxas. Infelizmente, o disco não teve apoio, divulgação, nada. E também não vendeu, não chamou a atenção nem do público nem da crítica e encalhou nas lojas. Mas isso não foi privilégio nosso. O "Araçá azul", do Caetano, que é uma maravilha, também foi execrado quando foi lançado", lembra. "E Raul não foi demitido. Tanto que no ano seguinte, em 1972, ele produziu o compacto "Diabo no corpo", de Miriam Batucada. Saiu tempos depois, numa boa, com um bom contrato em outra gravadora (RCA Victor)."

O disco geralmente é creditado apenas a Raul Seixas, mas foi uma obra conjunta, afirma Edy. Cada membro da grã-ordem Kavernista cantou duas canções sozinho – Raul e Sérgio cantaram juntos outras três. Raul tocou praticamente todos os instrumentos e dividia as composições com Sérgio Sampaio. "Pra mim, foi o melhor

parceiro de Raul", avalia Edy. "Quando Sérgio chegou à CBS, Raul era colado no Leno (da dupla Leno & Lilian), mas aí isso acabou, Sérgio e Raul não se desgrudavam um do outro. Fui pra lá pelas mãos do Raul, que produziu meu primeiro compacto – de um lado "Aqui é quente, bicho", música de Raul feita para mim, e do outro lado "Matilda", produzido por ele."

Raul estava na época fissurado por Frank Zappa e pelo "Sgt Peppers" dos Beatles, e também pela Tropicália. Queria fazer algo parecido. Sentiu que com Sérgio Sampaio e Edy era possível. Mas queria uma mulher no grupo. "A primeira opção era Diana (então mulher de Odair José), mas ela tinha problema porque já estava com uma linha feita dentro da CBS de iê-iê-iê água-com-açúcar, romântica e tal. E Raul queria alguém menos conhecido e a segunda opção foi Lena Rios (que posteriormente defendeu uma música de Raul – "Eu sou eu, Nicuri é o diabo" – no Festival Internacional da Canção de 1972), que estava iniciando na CBS sob recomendação do Torquato Neto. Mas aí apareceu a Miriam Batucada, ficamos todos encantados com ela, com a voz dela, era uma figura maravilhosa. Tinha que ser ela. E foi", lembra Edy.

Gravado em 15 dias, num clima de grande camaradagem entre os quatro kavernistas (dois baianos, um capixaba e uma paulista), o disco tem de tudo um pouco. Tem uma seresta ("Sessão das 10") cantada por Edy, chorinho ("Chorinho inconseqüente") cantado por Miriam e o único samba jamais composto e gravado por Raul Seixas, "Aos trancos e barrancos". Todas as composições são de Raul e Sérgio, menos uma – "Soul Tabarôa", de Antônio Carlos e Jocafrê, defendido com maestria pela voz rouca de Miriam.

Se encontrar esse disco – em LP ou CD – não pense duas vezes. É uma preciosidade.

torno de Edy Star deve-se à sua participação na sociedade kavernista. Ele é o último representante daquela turma – Raul morreu em 1989; Sérgio Sampaio, em 94; Miriam Batucada, em 97. A responsabilidade poderia ser um fardo insuportável mas Edy está escolado. Dá de ombros e acha graça. E aproveita para desmistificar muitas histórias que andaram espalhando por aí nos últimos anos. Uma delas é de que teria virado travesti. "Nunca fiz segredo da minha vida. Sou gay e assumido, e acabou. Trabalho em boate, levo a sério o que faço, muito a sério, quando entro no palco, quero ser respeitado como artista. Se alguém disser uma gracinha, me chamar de veado, desço e quebro o pau. O que eu faço não tem segredo. Agora, com quem eu faço e como eu faço, isso aí já é um outro babado, sabe?"

Em Madri, é mestre-de-cerimônias de um show de strip-tease num legítimo cabaré no centro da cidade. Produz ainda peças de teatro em festivais europeus e, nas horas vagas, se dedica à pintura – pretende fazer uma exposição de suas obras ainda este ano, em Salvador. "Tenho 32 exposições no currículo, 16 individuais, três bienais,

prêmios, e me considero melhor desenhista do que pintor. Tenho um bom traço, mas como pintor não me acho grande coisa, não."

Apesar de tudo, Edy está cansado da Europa e pretende voltar para o Brasil. A idéia está amadurecendo,

"...as minhas festinhas gays na Bahia, aonde filhos de deputados e de governadores iam se divertir, (...) gente que hoje está no poder, não vou poder contar essas coisas..."

ainda mais agora que está dando os retoques finais no projeto de gravar um CD em homenagem a Raul Seixas, cantando músicas dele e de pessoas que giraram em torno do maluco beleza, como Zé Geraldo, Zé Ramalho, Sérgio Sampaio, Zé Rodrix, Alceu Valença e Caetano Veloso, entre outros. O título não poderia ser outro: "O último kavernista". "Já

conversei com a Kika (Seixas, ex-mulher de Raul) e ela está me dando todo o apoio", diz Edy, revelando algumas das músicas que farão parte do repertório: "Cachorro urubu" (Raul Seixas), "Rock you" (Caetano), "Chamada geral" (Zé Rodrix) e "Raulzito Seixas" (Sérgio Sampaio), entre outras. As gravações devem acontecer em 2008.

O disco pode ser a desculpa que Edy precisava para retornar de vez ao país. A internet que usa para manter contato com a família e amigos, além de conhecer gente nova, já não dá conta de sua imensa solidão. "Quero completar meus 70 anos em Salvador, morar o mais perto possível da minha família. Tenho 69 anos. Estou fazendo 69 sozinho (risos). Estou me contorceendo (risos). Quero fazer uma peça de teatro aqui no Brasil, fazer minha exposição de pintura." E o amor? "Ah, é o ridículo da vida, já dizia Dalva de Oliveira. Na minha idade, já não busco amor, busco companheirismo." Mas, com tantos novos fãs, não se sente amado como nunca? "Sim, claro, mas isso não satisfaz... É uma parte importante na minha vida, na vida de qualquer artista, mas nenhum vai pra casa comigo... Dá pra entender?"

Edy Star encontra Janis Joplin

Em 1970, eu estava na CBS e num dia de fevereiro descendo a escada que dava no hall, deparo com o Coutinho (o "relações públicas" e um grande amante de jazz) entrando com uma mulher feia, meio gordinha, vestida de hippo: lenço na cabeça, óculos Ray-Ban, uma bolsa bandoleira a tira cola e sandálias. O Coutinho gentilmente me apresentou: era Janis Joplin! Não liguei muito porque nem me lembrava quem era essa cantora americana. No dia seguinte, é que me liguei no fato. Eu tinha o disco dela com o Big Brothers, cantando "Sumertime"! Era demais!... Passei a duvidar. Dois dias depois, encontro o Coutinho no corredor do estúdio, e ele me conta que a Janis foi à joalheria H. Stern, comprou um anel de brilhantes e, até chegar ao hotel, perdeu o anel!

Dias depois, fui passar o carnaval em Salvador e ali fui informado que o Coutinho a levou ao Baile do Teatro Municipal, que era o baile de Carnaval mais chique do Rio, basta dizer que só se entrava fantasiado ou a rigor... E na porta teve problemas porque não queriam deixá-la entrar, porque pensavam que era um travesti! Claro, imaginem: feiosa e com aquele monte de cabelo no covado...

Logo depois do carnaval, novamente no atelier de Gilson Rodrigues, fomos convidados pelo Luis Fernando, que estava com mais amigos, a descer ao mulhério para buscar quem? A Janis Joplin! Claro que descemos descrentes e curiosos...

Estava lá sentada, conversando com as putas e bebendo cachaça! As meninas encantadas com a americana louca, que gargalhava, puxava fuminho e soltava palavrões, na maior intimidade... Ela tinha ido parar na Bahia,

vijando de motocicleta com o namorado Mick, um fotógrafo carioca, e estava chateadíssima porque chovia muito, e ela estava louca para transar de noite na praia, e a chuva impedia. Não sei o que aconteceu, que o tal Mick voltou ao Rio e ela ficou sozinha em Salvador... Como foi parar nesse puteiro eu também não sei, mas ela estava bêbada e satisfeita.

Foi quando apareceu o divulgador da CBS, que avisado (por quem?) foi ali para levá-la ao Hotel da Bahia. Sumiu a jaqueta Jeans dela e foi um fuzê... Finalmente, a jaqueta apareceu e seguimos todos em passeata acompanhando-a com aquela garrafa de Jacaré na mão, até a portaria do Hotel... Outro escândalo: o cara da recepção não queria aceitá-la por que estava suja, e com uma figura de hippie não muito agradável. E Janis, aos gritos: "I'm Janis Joplin, I have money!" e jogou pacotes de dólares no balcão... Foi pior, o cara achou que ela era louca e não aceitou mesmo... Vingativa, ela não satisfeita jogou a garrafa de cachaça no espelho e quebrou-o! E assim ela foi se hospedar em outro hotel... Que aventura...

Dai, eu voltei ao Rio e não mais vi Janis. Mas soube que ela voltou ao Rio fazendo stop-car com caminhoneiros... Verdade?

Anos depois, surgiu outra história dela numa aventura que conta o Serguey... Pode ser que tivesse seus momentos calmos, mas vivia intensamente, e era uma maravilhosa cantora, desbocada e louca de pedra... Ah, isso era... Quase no final deste ano, em outubro, foi encontrada morta por overdose...

(trecho do blog Sweet Edy – <http://staredy.zip.net/>)